

A VIAJANTE ANGOLANA: TRANSIÇÃO DA PERSONAGEM ANA OLÍMPIA EM NAÇÃO CRIOULA, DE JOSÉ EDUARDO AGUALUSA

Amanda MENDES¹

Resumo: *Nação Crioula* é um dos mais significativos romances do escritor José Eduardo Agualusa. Seu título faz uma retomada do último navio negreiro que atravessava o Atlântico para a realização do comércio escravista entre África e Brasil. O aposto, *A Correspondência Secreta de Fradique Mendes*, confirma o modelo epistolar de uma narrativa articulada em torno de cartas escritas por um personagem português muito conhecido na literatura, Carlos Fradique Mendes. Tais correspondências eram direcionadas sempre aos mesmos destinatários, a madrinha francesa, a amada angolana e o amigo e escritor Eça de Queiros. Esse modelo confirma a existência de capítulos intitulados como cartas. O presente artigo pretende discutir o trânsito físico e subjetivo da personagem angolana Ana Olímpia no romance *Nação Crioula*, tomando como ponto de partida as viagens transnacionais entre África, Brasil e Portugal. Sob o olhar minucioso da representante africana, será possível verificar as condições em que viviam os negros tanto na África quanto no Brasil, a trajetória que percorreu enquanto negra e mulher dentro da obra e o poder de voz que foi-lhe dado – único e exclusivo – como forma de desfecho no romance. Será possível também abordar a questão da mestiçagem presente em sua filha Sophia, com o português Carlos Fradique Mendes, ressaltando ainda mais sua exímia passagem pela obra.

Palavras-chave: *Nação Crioula*. Ana Olímpia. Trânsito.

Introdução

Publicado em 1997, *Nação Crioula* é um dos mais significativos romances do escritor José Eduardo Agualusa. Seu título faz uma retomada do último navio negreiro que atravessava o Atlântico para a realização do comércio escravista entre África e Brasil. O aposto, *A Correspondência Secreta de Fradique Mendes*, confirma o modelo epistolar de uma narrativa articulada em torno de cartas escritas por um personagem português muito conhecido na literatura, Carlos Fradique Mendes. Tais correspondências eram direcionadas sempre aos mesmos destinatários, a madrinha francesa, a amada angolana e o amigo e escritor Eça de Queiros. Esse modelo confirma a existência de capítulos intitulados como cartas.

Por se passar em três espaços distintos, Brasil, Portugal e África em um período que ainda não existia telefonia nem internet, por volta de 1860, o meio de comunicação entre as

¹ Mestranda em Letras pela Universidade Estadual Paulista, *campus* de Assis (SP). Bolsista FAPESP.

peças que habitavam em lugares distantes era a correspondência e foi por meio dela que Fradique expôs suas aflições e sentimentos.

O romance retoma personagens ilustres da literatura portuguesa e até mesmo um dos autores mais consagrados do século XIX, José Maria Eça de Queirós. Na obra de Agualusa, o personagem Carlos Fradique Mendes conta em suas cartas destinadas ao amigo, à sua amada Ana Olímpia e à Madrinha Madame de Jouarre sobre a sua viagem à África - assunto que não tem grande ênfase em *A Correspondência de Fradique Mendes*, de Eça de Queirós - sobre o amor que sente pela negra angolana, a fuga da África para o Brasil, a situação em que andavam os movimentos contra o tráfico negreiro e outros assuntos.

Diante dessa organização textual, percebemos a existência da troca de correspondências entre o remetente e seu destinatário, porém é possível identificarmos durante quase toda a leitura que apenas o remetente expõe as situações pelas quais passa, os acontecimentos vividos, seus sentimentos interiorizados, tudo em detalhes exposto nas cartas. Mas, as supostas epístolas que seriam respostas àquelas enviadas por Fradique não aparecem, o personagem somente nos conta o que nelas estava escrito, o que diziam seus interlocutores. Assim, na maior parte do livro, ficamos diante de textos escritos apenas por um destinatário, com exceção da última carta em que a própria Ana Olímpia, após a morte do amado, escreve a Eça de Queirós contando com suas palavras o que não foi dito por Fradique e enviando todas as correspondências escritas pelo protagonista português durante a vida.

Existem na obra, dois narradores em primeira pessoa, Fradique e Ana Olímpia, embora a elocução que possui maior espaço é a do homem, enfatizando a posse de palavra do colonizador protagonista. Por outro lado, esse mesmo homem torna-se cativo da beleza da negra angolana, deixando-se fascinar pelos encantos da África, transformando-o em um europeu dominado por uma africana: “A verdade é que eu próprio não me importaria de ser escravo de Ana Olímpia” (AGUALUSA, 2007, p. 41). A última correspondência, escrita por Ana Olímpia e destinada a Eça de Queirós é o único instante em que temos acesso ao texto daquela a quem grande parte das cartas são enviadas. E não se trata de qualquer destinatário, mas sim da amada, mulher e negra, exaltando assim, a voz feminina.

O dialogismo entre *Fradiques*

Num trabalho intertextual, o escritor africano retoma *A Correspondência de Fradique Mendes* de Eça de Queiros e faz um empréstimo de seu protagonista, construindo a partir daí,

uma narrativa epistolar em que o próprio Fradique narra o que não foi dito na obra do escritor português. Contudo, no texto de Agualusa, ao contrário do romance com o qual dialoga, o centro da narrativa não está em Fradique e Eça, mas em Fradique e Ana Olímpia, cedendo o poder da escrita à mulher.

Para Kristeva (1974, p.72), todo texto literário está inserido em um contexto: “a palavra literária não é um ponto (um sentido fixo), mas um cruzamento de superfícies textuais, um diálogo de diversas escrituras: do escritor, do destinatário (ou da personagem), do contexto cultural atual ou anterior”, ou seja, as cartas escritas por Fradique tratam de um diálogo entre ele e seu interlocutor – no qual o leitor não tem acesso às palavras do segundo – e a última, escrita por Ana Olímpia está direcionada ao amigo Eça de Queirós, retomando então, todas as cartas do amado.

Agualusa utiliza em sua obra uma maneira de embeber aquilo que já estava escrito por Eça acrescentando histórias, cartas, palavras não ditas naquela outra. Segundo Samoyault (2008), pode-se considerar a intertextualidade,

não como um simples fato de citar, de tomar emprestado, de absorver o outro, que seria uma técnica literária entre outras, mas como uma caracterização da literatura, assim afastada de uma história que se quis com frequência determinista (a história literária, sucessiva e secular, tal como a apresentam os manuais). (SAMOYAUT, 2008, p. 68)

A citação, como pode-se perceber, mesmo fazendo parte de um texto, remete a outro, diferente daquele em que está inserida, de maneira a complementar o que está sendo dito. Fradique implementa em suas cartas assuntos relacionados ao que viveu na obra de Eça, porém agora considerando outras causas.

A intertextualidade pode ser entendida como um diálogo entre dois textos e é exatamente isso que Agualusa faz com a obra do português Eça de Queirós. Para Kristeva (1974, p. 72), “todo texto se constrói como um mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de outro texto”. Essa Interdiscursividade entre os textos destes dois autores, sobretudo no que diz respeito à ironia e ao humor presentes na obra primeira é apontada por aqueles que se mantêm sobre a obra de Agualusa, e o próprio autor angolano tem testemunhado sobre a questão:

O que mais seduz em Eça de Queirós é a ironia. Aquela ironia feroz, demolidora, terrível, que nenhum escritor português conseguiu repetir. É essa a sua actualidade – a capacidade de criticar através da ironia. Sou de

alguma maneira um filho de Eça. Cheguei à literatura através dele. Foi minha primeira grande paixão literária. (AGUALUSA, 2000, p. 17)

Agualusa não obstrui a obra de Eça, pelo contrário, ele vê no autor de *A Correspondência de Fradique Mendes* um modelo para ser seguido e com isso absorve tudo aquilo que é necessário para escrever seu próprio romance, fazendo deste não uma cópia, mas, um complemento daquele já escrito.

O trânsito de Ana Olímpia, as relações transnacionais e a lusofonia

Em *Nação Crioula*, Agualusa desenvolve uma narrativa a partir de Carlos Fradique Mendes focalizando as relações triangulares entre Portugal, Brasil e África, sendo as duas últimas colônias portuguesas.

Original por incorporar em uma só obra os três pilares do colonialismo português, o livro alerta para uma desestrutura da metrópole em seu processo de colonização na segunda metade do século XIX, fase em que as transformações resultantes do fim do tráfico negreiro estão em um momento crucial, tal como a decadência do processo colonizador na África, segundo reforça Fradique Mendes:

Penso naquele cavaleiro como sendo Portugal montado em África. Montado, não, depositado. A nossa presença em África não obedece a um princípio, a uma ideia, e nem parece ter outro fim que não seja o saque dos africanos. Depositados em África os infelizes colonos portugueses tentam em primeiro lugar manter-se na sela, isto é, vivos e roubando, pouco lhes importando o destino que o continente leva. E Portugal, tendo-os depositado, nunca mais se lembra deles. Uns tantos, assim esquecidos, depressa perdem a memória da pátria e em pouco tempo se cafricanizam. Esses são os mais felizes. Entranham-se pelo mato (“Deus é grande”, costumam dizer, “mas o mato é maior”) e assim como trocam as calças e as camisas por mantas de couro, da mesma forma abandonam a língua portuguesa, ou usam-na em farrapos, África. (AGUALUSA, 1997, p. 132)

Os portugueses não tiveram uma organização de ideias, já que, segundo Sousa Santos (1994), Portugal nunca desempenhou o papel de centro, chegando a confundir-se com a periferia – tornando-os emigrantes em suas próprias colônias – o que levou, no século XVIII, o trabalho lusitano no Nordeste do Brasil a ser mais barato que o trabalho escravo. Por muito tempo, Portugal sentiu-se no centro, já que via em suas colônias a periferia, hoje o país nota-se periférico diante dos outros países europeus. Ainda sob o ponto de vista de Sousa Santos,

Portugal estava demasiado próximo de suas colônias para ser plenamente europeu e, perante estas, estava demasiado longe da Europa para poder ser um colonizador consequente. Enquanto cultura europeia, a cultura portuguesa foi uma periferia que, como tal, assumiu mal o papel de centro nas periferias não europeias da Europa. (SANTOS, 1994, p. 48)

O processo histórico entre as relações do mundo lusófono faz com que Fradique fale cronologicamente de cada espaço. Começando pela África, onde conhece e apaixona-se pela ex-escrava Ana Olímpia, partindo para o Brasil em um navio negreiro e então retornando a Lisboa.

O pai de Ana Olímpia era um príncipe Congolês e possuía três esposas. Quando capturado pelas tropas portuguesas, todas elas, princesas congolêsas, foram vendidas como escravas. Duas para Arcênio de Carpo e uma para o rico Victorino Vaz de Caminha, essa última estava grávida de Ana que por sua vez, nasceu na condição de escrava. Após quatorze anos a menina se casa com o rico escravocrata e este além de tratá-la muito bem, ofereceu-lhe educação e conhecimento: “O meu marido tratou-me sempre como se eu fosse uma princesa; abriu-me as portas do mundo, ensinou-me o que sabia das letras e das artes” (AGUALUSA, 2007, p. 150). Fradique, quando a encontra, chega a estranhar tamanha instrução: “espantou-me conversar com ela, ouvi-la citar Kant e Confúcio, troçar das teses de Charles Darwin, comentar com inteligência e novidade a lírica francesa” (AGUALUSA, 2007, p. 24). A ex-escrava, graças ao marido, tornou-se uma mulher culta e uma das mais poderosas de seu território.

A transição da personagem feminina de Agualusa dá-se de várias formas e é importante lembrar que não se trata de qualquer mulher, mas, de uma negra, ex-escrava, e ao mesmo tempo detentora de conhecimento e guerreira que luta por seus objetivos com a ajuda dos homens da sua vida, Vitorino e Fradique.

Após a morte do marido, Ana voltou a ver-se na condição em que viveu até [aos] quatorze anos, mas de uma maneira muito pior. Em vida, Vitorino não deixou-lhe sua carta de alforria e assim que faleceu, seu irmão Jesuíno Vaz de Caminha retornou do Brasil, tomando o seu lugar, apossando-se de toda fortuna deixada a Ana Olímpia e vendendo-a como escrava para Gabriela Santamarinha, uma senhora de escravos cruel e sem piedade. Neste período do romance, Fradique está em Portugal e assim que chegam-lhe as notícias do ocorrido, torna a Luanda em busca de ajudar sua amada. Chegando à África, com a ajuda do amigo Arcênio de Carpo, o casal foge para o Brasil no famoso navio negreiro *Nação Crioula*. Já em terras brasileiras, a negra retoma seu posto de senhora em uma fazenda comprada por Fradique e

torna-se, junto a ele, uma das mais importantes vozes contra a escravidão - questão sempre defendida pela angolana.

Embora fosse antes uma escrava, nunca havia embarcado em um navio de tráfico de escravos, com a ocasião, conseguiu ver de perto a situação dos escravos que saíam da África e iam em direção à América e pôde comprovar que muitos deles sobreviviam em condições desumanas. Ana Olímpia então, junto com Fradique, vai até Paris para dar uma conferência sobre o tráfico de escravos e a situação sob as quais eles eram submetidos. Lá, narrou toda a sua história, inclusive “o drama da sua infância, recordou o pai, um rei congolês que durante anos agonizou numa prisão de Luanda; evocou as madrugadas sombrias, quando, na companhia da mãe, assistia ao embarque dos cativos para o Brasil” (AGUALUSA, 2007, p. 122).

Em 1888, data que coincide com o final da escravatura no Brasil, falece Carlos Fradique Mendes e então, meses depois, sua esposa decide retornar a Luanda, e se depara com uma Angola em diferente condição: “a extinção total da condição servil nas colônias portuguesas, e depois a proclamação da Lei Áurea, no Brasil, prejudicou as velhas famílias [que faziam riqueza com o tráfico negreiro para o Brasil, ou como Fradique consumava dizer, vendendo a triste humanidade]” (AGUALUSA, 2007, p. 158). Sua volta à África tem como motivo o regresso às próprias origens. Como ela mesma cita nos versos de Gonçalves Dias em exaltação de sua terra:

Minha terra tem palmeiras / onde canta o sabiá / as aves que aqui gorjeiam /
não gorjeiam como lá’ -, sempre que isso acontecia era em Angola que eu
pensava: ‘Minha terra tem primores / que tais não encontro eu cá / Não
permita Deus que eu morra / sem que volte para lá. (AGUALUSA, 2007, p.
158)

Já viúva de dois maridos, a princesa congolense casa-se novamente, agora com o amigo de Fradique, Arcênio de Carpo, aquele que ajudou a resgatá-la das mãos de Gabriela Santamarinha. É de extrema importância ressaltar a transição da personagem, não só como escrava e senhora de escravos, mas, o percurso que atravessa durante toda a obra - nasce em Angola, foge para o Brasil, parte para a Europa dar conferências e volta para a África, onde casa-se novamente e termina a sua história. Sua vida remete a um círculo no qual o início é o final e vice-versa. Apesar de feminina, esta personagem ganha luz dentro da obra e recicla toda a sua trajetória. Com isso, aparece sempre navegando sobre o oceano atlântico, ora em cima de um navio negreiro transportando escravos, ora em navios de passageiros levando-a de

um continente a outro. A protagonista parte da África para o Brasil (lugares vistos como inferno, uma vez que se opõem ao que seria o céu, ou seja, a Europa), absorvendo uma cultura viajante a partir das trocas culturais em constante passagem por aquilo que chamamos entre-lugar. Hanciau (2010) contextualiza muito bem este caso em sua passagem:

Uma vez descobertas e alcançadas, as novas terras representavam o próprio purgatório, um lugar intermediário entre o céu e a terra, o “terceiro lugar”, oposto a Europa – metrópole da cultura e terra dos cristãos -, para muitos um inferno com duração limitada, que começava com o rito de passagem simbolizado pela viagem dos navegantes às terras do além-mar. (HANCIAU, 2010, p. 130)

Agualusa classifica a amada de Fradique no contexto migratório, ou seja, fora do contato com a rotina, alguém que está sempre em trânsito – em um processo de deslocamento. Primeiro porque é obrigada, devido às necessidades, a partir de sua terra natal, estando em constantes mudanças. Depois, pela luta na construção de um território à parte da escravidão e também pelo reencontro com sua identidade cultural. Para Hanciau (2010, p. 128), “uma terceira margem, um caminho do meio, consiste nesses procedimentos de deslocamento, de nomadismo, em que o projeto identitário possa nascer da tensão entre o apelo do enraizamento e a tentação da errância”, além disso, a autora também comenta que o objetivo deste terceiro espaço é transcender contradições entre unidades do pensamento, ou seja, um novo espaço, que fomenta estratégias expansivas nas quais a perspicácia da personagem se eleve e atinja novos horizontes.

O híbrido na descendente de Ana Olímpia

Quando Ana Olímpia sai da África em direção ao Brasil e fixa-se no novo lugar, ela inicia a partir do pensamento e do sentimento de revolta, uma luta contra o tráfico negro. Vale lembrar que a protagonista angolana, colonizada e negra dá à luz em terras brasileiras a Sophia, filha de Fradique, o português colonizador. Nesta criança o híbrido é reforçado e a questão da mestiçagem torna-se evidente. Hanciau (2010, p. 131) classifica a mestiçagem como o processo de “misturar, cruzar, telescopar, superpor, justapor, interpor, imbricar, colar, fundir” e afirma que “a mestiçagem supõe a convergência de elementos díspares de proveniência europeia, ameríndia e africana, em sua origem estrangeiros uns aos outros, que se ajustam entre si, reorganizam-se, conferindo-lhes um novo estilo.” Parecida com a mãe, e ainda pequena, a menina Sophia possui toda bagagem provinda dos pais, do lugar em que

nasceu e do trânsito que vive entre Brasil, Portugal e Angola, confirmando, segundo Hanciau, “o surgimento de algo novo, diferente, mestiço, um “terceiro”, que se insinua na situação de passagem” (2010, p. 134). A mestiçagem na menina vem com força extrema, pois confirma o que o processo colonialista impõe em suas colônias desde o descobrimento. Consultemos Santiago:

O renascimento colonialista engendra por sua vez uma nova sociedade, a dos mestiços, cuja principal característica é o fato de que a noção de unidade sofre reviravolta, é contaminada em favor de uma mistura sutil e complexa entre o elemento europeu e o elemento autóctone. (SANTIAGO, 2000, p. 15)

A genitora de Sophia, com toda a sua cultura e conhecimento, ganha voz na obra e torna-se tão importante quanto Fradique, já que em sua única carta, enviada a Eça de Queirós, faz um resumo geral de todo o livro. Além disso, sua autoridade é tão enfatizada que cabe a ela autorizar a publicação das correspondências de Fradique Mendes, uma vez que reconhece a importância desse gesto para que o mesmo não fosse esquecido:

Um homem morre, desaparece, e logo a sua obra inteira se corrói e se corrompe e se desfaz. Os palácios de hoje amanhã serão ruínas. Uma panela de sopa, deixada ao ar, fermenta numa única noite. Os fungos crescem nos armários como plantas malignas e se os deixarmos ocupam inteiramente os quartos e as casas. A própria memória rapidamente se dissolve. Creio que aqui já ninguém se recorda de como morreu o velho Arcénio de Carpo, e muito menos se lembram de Fradique Mendes. [...] Também por isso lhe entrego estas cartas. (AGUALUSA, 2007, p. 159)

Assim, Ana Olímpia menos atenta em fazer uma descrição de Fradique, apresenta sua visão sobre os acontecimentos ocorridos, sendo a única que se interpõe no relato monolítico do autor, dissolvendo a monotonia de um só discurso. A publicação das cartas faz com que o leitor aumente sua fé na veracidade da história, uma vez que são as escrituras reais de Fradique e quem faz questão de entregá-las é a própria esposa.

O gênero textual da obra é direcionado à Ana Olímpia, já que ela é a única personagem no livro, com exceção do protagonista, que ganha voz. Silviano Santiago (2000, p. 17) comenta que o silêncio “seria a resposta desejada pelo imperialismo cultural, ou ainda o eco sonoro que apenas serve para apertar mais os laços do poder conquistador”. Assim, a destinatária que ao final tornou-se também locutora, representa uma forma poderosa de colonizada que passou a ocupar um espaço marcante, conquistando a soberania. A personagem é também privilegiada porque apesar de pertencer ao sexo feminino, possui grande instrução e educação, além de percorrer longos caminhos e ao final conseguir com

êxito retornar a sua terra. Sua presença dentro do livro é considerável, uma vez que se trata da amada do grande Fradique Mendes e possui uma surpreendente história e vida híbridas.

Considerações finais

No momento em que as cartas foram supostamente escritas, a mulher tinha um espaço muito pequeno dentro da sociedade, hoje este espaço ainda não pode ser comparado ao do homem, porém a cada dia, o papel da mulher em conquistar seu espaço vem, mesmo com todos os obstáculos, ganhando força. Sob este ponto de vista, percebe-se a importância da última carta de *Nação Crioula*, datada de agosto de 1900, ser escrita por Ana Olímpia, uma negra colonizada, que passa a contar tudo o que viu, sentiu e leu nas próprias cartas que o protagonista e o colonizador a enviou, exibindo uma quebra no conflito entre o colonialista e o colonizado, entre o negro e o branco, entre o homem e a mulher.

A obra *Nação Crioula* confirma a interculturalidade existente em uma personagem em trânsito, e confirma a existência de uma voz feminina de grande valor diante de Portugal, um país que seria o centro de duas periferias colonizadas, África e Brasil. A amada do considerável personagem representado pelo português Carlos Fradique Mendes atesta o caráter de uma voz negra que ganha espaço em uma obra tão importante.

THE ANGOLAN TRAVELLER: CHARACTER'S TRANSITION ANA OLÍMPIA IN NAÇÃO CRIOULA, BY JOSÉ EDUARDO AGUALUSA

Abstract: *Nação Crioula* is one of the most significant novels of the writer José Eduardo Agualusa. Its title is a resumption of the last slave ship that crossed the Atlantic to the realization of the slave trade between Africa and Brazil. The apposite, *A Correspondência Secreta de Fradique Mendes*, confirms the epistolary style of a narrative built around letters written by a very well known character in Portuguese literature, Fradique Carlos Mendes. Such letters were always directed to the same recipients, the French maid, Angolan and beloved friend and writer *Eça de Queirós*. This model confirms the existence of chapters titled as letters. This paper intends to discuss the physique and subjective transit of Angolan character Ana Olímpia in the novel *Nação Crioula*, taking as its starting point the transnational travel between Africa, Brazil and Portugal. Under the careful eye of the African representative it will be possible to verify the conditions under which Black people lived both in Africa and in Brazil, the trajectory traveled as a black and woman within the work and the power of voice that was given her - unique and exclusive - form as outcome of the novel. It will be possible also address the issue of this miscegenation in her daughter Sophia, with the Portuguese Carlos Mendes Fradique detaching further her significant passage by the novel.

Keywords: *Nação Crioula. Ana Olímpia. Transit.*

Referências

AGUALUSA, José Eduardo. **Nação Crioula: A Correspondência Secreta de Fradique Mendes**. Rio de Janeiro: Sindicato Nacional dos Editores de Livros, 2007.

AGUALUSA, José Eduardo. Sou seu filho. **JL – Jornal de Letras, Artes e Ideias**. Lisboa, n. 779, p. 17, 9 ago. 2000.

HANCIAU, Nubia Jacques. Entre-lugar. In: _____. **Conceitos de Literatura e Cultura**. Juiz de Fora: editora UFJF, 2010.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à Semanálise**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

QUEIROZ, Eça de. **A correspondência de Fradique Mendes**. Porto Alegre: L&PM, 1997.

RAGO, Margareth. Cultura feminina e tradição literária no Brasil (1900-1932). In: **Grupo de Pesquisa História Cultural – Gênero, subjetividades e cultura material**, IFCH Unicamp, Campinas. Disponível em:

<http://historiacultural.mpbnet.com.br/artigos.genero/margareth/RAGOMargareth-cultura_feminina_e_tradicao_literaria.pdf>. Acesso em 27 jun. 2014.

SAMOYAULT, Tiphaine. **A Intertextualidade**. Tradução Sandra Nitrini. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: _____. **Uma literatura nos trópicos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SOUZA SANTOS, Boaventura. Modernidade, identidade e a cultura de fronteira. **Tempo social. Revista de Sociologia**. 5 (1-2): 31-52, 1993. São Paulo: USP.

Artigo recebido em abril de 2015.

Artigo aceito em maio de 2015.